

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

LYANA GUIMARÃES MARTINS

**A PARTE QUE TE CABE: O CONSUMO E A
PRESERVAÇÃO DA ÁGUA PELO INDIVÍDUO**

UFRJ/CFCH/ECO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

LYANA GUIMARÃES MARTINS

**A PARTE QUE TE CABE: O CONSUMO E A
PRESERVAÇÃO DA ÁGUA PELO INDIVÍDUO**

**Rio de Janeiro
2007**

Lyana Guimarães Martins

A PARTE QUE TE CABE: o consumo e a
preservação da água pelo indivíduo

Relatório técnico submetido à Escola de
Comunicação da Universidade Federal do Rio
de Janeiro, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do grau de bacharel em
Comunicação Social, habilitação em
Radialismo

Orientador: Prof. Dr. Fernando Álvares Salis

Rio de Janeiro
2007

M381P Martins, Lyana Guimarães.

A parte que te cabe / Lyana Guimarães
Martins. Rio de Janeiro, 2007.

65 f.: il.

Relatório técnico (Graduação em
Comunicação Social, Habilitação em Radialismo)
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ,
Escola de Comunicação – ECO, 2007.

Inclui DVD de 32 min.

Orientador: Fernando Álvares Salis

1. Cinema documentário. 2. Água. 3.
Comportamento de consumo. I. Salis, Fernando
Álvares (Orient.). II. Universidade Federal do Rio
de Janeiro. Centro de Filosofia e Ciências
Humanas. III. A parte que te cabe.

CDD: 070.18

Lyana Guimarães Martins

A PARTE QUE TE CABA: o consumo e a
preservação da água pelo indivíduo

Relatório técnico submetido à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Radialismo.

Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 2007

Prof. Dr. Fernando Álvares Salis, ECO/UFRJ

Prof. Paola Leblanc, ECO/UFRJ

Prof. Dr. Maurício Lissovsky, ECO/UFRJ

Prof^a Dr^a Fátima Sobral Fernandes, ECO/UFRJ

AGRADECIMENTOS

À toda minha equipe de produção do documentário, que colaboraram não apenas com o trabalho mas com suas ideias durante a fase de pesquisa e roteiro: Nathalia Klein, Juliana Bah, Debora Pessanha, Rafael Alves, Alexandre Nascimento, Flora Fernandes, Raquel Gandra, Rodrigo Brazão, Diogo Cunha, Karim Klein; à minha família; aos meus professores; aos entrevistados e a todos que acreditaram e contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

“Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos – e não sem motivo. Nunca nos procuramos: como poderia acontecer que um dia nos encontrássemos?”

(Friedrich Nietzsche)

RESUMO

MARTINS, Lyana Guimarães. **A parte que te cabe:** o consumo e a preservação da água pelo indivíduo. Orientador: Fernando Álvares Salis. Rio de Janeiro, 2007. Relatório Técnico (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Vídeo documentário acerca da relação do indivíduo com a água, seu comportamento de consumo e visão da preservação. Foram entrevistadas 12 pessoas de diferentes classes sociais, procurando entender qual seria o papel do indivíduo na preservação da água, partindo-se da compreensão do processo de formação do ato de consumo. Além disso, verifica-se como se dá a influência da família, da mídia e de toda a sociedade nesta construção de valor de consumo. Para tanto, utiliza-se do modo participativo como linguagem principal para o documentário, além dos modos poético e performático, buscando uma expressão subjetiva para a obra. O vídeo não busca encontrar soluções, por isso evita o discurso normativo e a presença de dados científicos, mas pretende-se como uma grande discussão sobre o tema, a partir da reflexão do indivíduo, a partir da qual algo possa ser pensado quanto ao problema da água. O resultado é um vídeo de 32 minutos com base, principalmente, no discurso do entrevistados, cujas imagens e sons são mesclados com imagens de paisagem nas quais a água seja o ponto principal. Ademais, neste relatório, relata-se todo o processo de pré-produção e pesquisa, produção, e pós-produção do documentário, justificando as escolhas técnicas, estéticas e discursivas.

DOCUMENTÁRIO, ÁGUA, CONSUMO

ABSTRACT

MARTINS, Lyana Guimarães. **A parte que te cabe:** o consumo e a preservação da água pelo indivíduo. Orientador: Fernando Álvares Salis. Rio de Janeiro, 2007. Relatório Técnico (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Documentary video about the relationship of the person and the water, his/her consumption behaviour and opinion about the preservation. Twelve persons of different social class were interviewed to understand what could be the individual responsibility in the water's preservation, trying to perceive the process of the consumption act construction. We want to know how the family and the whole society, the newspapers, magazines, television, rádio, internet and the movies can influence in this construction. So this work utilize the interviews to find out some answer not to the problem of water in the world, but some answer to the difficulty to do a preservation with so many different people. The principal language of this documentary is the director participating on that with interviews that are a conversation and not a questionnaire. To give a subjective expression we use the language of the poetry documentary and the performatic one. There isn't scientific information in the video, the idea is use common people to make a big discussion about the water preservation. The result is a video with about 30 minutes with a lot of interviews and landscape's images, always with a different view of the water. Finally, this work describe the process of the video's production.

DOCUMENTARY, WATER, CONSUMPTION

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - demanda atual de água no Brasil.....	18
Tabela 2 – previsão para demandas futuras de água no Brasil.....	18

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	PRÉ-PRODUÇÃO.....	16
2.1	PESQUISA SOBRE O TEMA.....	16
2.2	ABORDAGEM DO DOCUMENTÁRIO.....	20
2.3	PESQUISA DA FOTOGRAFIA: TÉCNICA E ESTÉTICA.....	24
2.4	ESCOLHA DOS PERSONAGENS.....	26
2.5	OS PERSONAGENS	27
2.6	DEFINIÇÃO ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	29
2.7	EQUIPE TÉCNICA.....	30
2.8	PLANO DE GRAVAÇÃO.....	30
2.9	AUTORIZAÇÕES.....	31
3	PRODUÇÃO.....	32
3.1	DIREÇÃO GERAL.....	32
3.2	AS ENTREVISTAS.....	32
3.2.1	Sebastien Roguier.....	33
3.2.2	Maria do Carmo M., Marlene M., Joana D. e Leandro A.....	34
3.2.3	Simone de Menezes.....	35
3.2.4	Alessandra Vilas Bôas.....	37
3.2.5	Renata Barboza.....	39
3.2.6	Pedro Menezes.....	40
3.2.7	Carlos Minc.....	41

3.2.8	Francisco Buonafina.....	42
3.2.9	Rafael Zilberman.....	43
3.3	MODIFICAÇÕES NO ROTEIRO DE ENTREVISTA ORIGINAL.....	45
3.4	GRAVAÇÃO DAS PASSAGENS.....	45
4	PÓS-PRODUÇÃO.....	47
4.1	DECUPAGEM.....	47
4.2	MONTAGEM.....	48
4.3	EDIÇÃO DE SOM E MIXAGEM.....	50
4.4	TRILHA SONORA.....	51
4.5	FINALIZAÇÃO.....	51
4.6	PROSPECÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO E DE DIVULGAÇÃO.....	52
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
	REFERÊNCIAS.....	55
	APÊNDICE A - ROTEIRO PRELIMINAR DE PERGUNTAS GERAIS.....	59
	APÊNDICE B - ORÇAMENTO.....	61
	APÊNDICE C - FICHA TÉCNICA.....	64

1 INTRODUÇÃO

Na década de 1990, a Organização das Nações Unidas publicou a Declaração Universal dos Direitos da Água, na qual diz-se que a água é um direito de todo o ser humano, sem distinções. Infelizmente é possível perceber que o acesso a este bem não é igual para todos, seja pela degradação ambiental, seja por questões de ordem geográfica, natural e, principalmente, política (REBOUÇAS, 2004).

O Brasil, ao mesmo tempo em que é o país com a maior porcentagem de água potável do mundo, com cerca de 11% das fontes existentes, com destaque para o Aquífero Guarani, maior reserva de água subterrânea do planeta, ainda assim sofre com a falta de água em algumas regiões (TUCCI, 2001, p.35).

Essa diferença foi perceptível durante viagem ao Maranhão no verão de 2006. A região é privilegiada por ter rios extensos e caudalosos e foi interessante perceber como isso influencia o consumo da água. Enquanto no Rio de Janeiro há certas regiões com problemas de abastecimento, geralmente as mais pobres, lá não há falta de água, independente da classe social.

Essa abundância pareceu refletir no modo como se usava a água, com calçadas e ruas sendo lavadas constantemente e, inclusive as casas, sob a explicação de que assim ajudaria a amenizar o calor. Em conversa com uma habitante do local, ela disse não achar necessário economizar, uma vez que há muita água na região.

De início, esse comentário gerou uma série de julgamentos pré-concebidos, como achar que ela era uma completa ignorante sobre a questão da água. Mas a partir de uma reflexão posterior, percebeu-se que essa era uma possibilidade de abertura do olhar, isto é, um momento em que se podia tentar entender o porquê deste tipo de pensamento.

Assim, surgiu a idéia de realizar um vídeo documentário sobre a relação das pessoas com a água, como seu consumo é construído, como é sua percepção sobre a preservação, sua

noção de desperdício etc. A partir disso, por meio de pesquisa e debates, um importante elemento surgiu: qual é a parte que cabe a cada indivíduo na preservação da água? As pessoas pensam diferente, têm realidades e experiências de vida diferentes, como julgar o que elas fazem com a água? Era preciso, então, buscar fugir de um discurso impositor em prol do uso da palavra do indivíduo comum, criando uma pluralidade e alternativa ao discurso corrente sobre a preservação dos recurso hídricos.

Há na sociedade um desejo por aquilo elaborado por outrem, geralmente por organizações, instituições e meio político:

O desejo diz: “Eu não queria ter de entrar nesta ordem arriscada do discurso; não queria ter de me haver com o que tem de categórico e decisivo; gostaria que fosse ao meu redor como uma transparência calma, profunda, indefinidamente aberta, em que os outros respondessem à minha expectativa, e de onde as verdade se elevassem, uma a uma; eu não teria senão de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço feliz.” (FOUCAULT, 2006, p.7)

Com a produção do vídeo documentário **A parte que te cabe**, procura-se justamente fazer com que as pessoas pensem a respeito, reflitam sobre o seu consumo de água para, assim, poderem criar suas próprias soluções, deixando de lado a simples aceitação de opiniões alheias.

Tal reflexão é possível, na medida em que estão disponíveis, em diferentes tipos de mídia, diversas informações sobre o assunto. Em 2007, o Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC), mantido pela ONU desde o início da década de 1990, divulga três relatórios sobre a situação presente do meio ambiente do planeta, ensaiando diversas previsões para a questão do ar, das geleiras, das florestas, do aquecimento global e da água no mundo.

No seu segundo relatório, o IPCC faz diversas afirmações sobre a água:

Até a metade do século, a média anual do fluxo de água nos rios e a disponibilidade de água são projetadas para aumentar de 10-40% nas altas latitudes e em algumas áreas tropicais úmidas, e diminuir de 10-30%

em algumas regiões secas nas latitudes médias e nos trópicos secos, algumas delas são áreas com escassez de água no presente momento. [...] Durante o curso do século, o suprimento de água estocada nas geleiras e nas calotas de neve é projetado a diminuir, reduzindo a disponibilidade de água em regiões que utilizam a água derretida das principais cadeias de montanhas, onde mais de um sexto da população mundial habita atualmente. (ONU, 2007, p.7)

Alguns meses antes, em 2006, o ex-vice-presidente dos Estados Unidos da América, Al Gore lança o documentário **Uma Verdade Inconveniente**, no qual aborda as causas e consequências do aquecimento global, também envolvendo a água. O filme ganhou destaque no cenário mundial, como nos festivais de Sundance, nos EUA e em Cannes, na Itália (CAPRILES, 2006), ganhando diversos prêmios, como o de Melhor Documentário no Oscar 2007 (O GLOBO, 2007).

O tema, portanto, ganhou visibilidade na mídia, seja por filmes ou por notícias com os dados divulgados pelo IPCC/ONU e demais entidades. Assim, independente de ser manipulada ou não, há informação circulando sobre o assunto, o que dá base para as pessoas pensarem sobre seu hábito de consumo da água. Basta, portanto, alimentar essa reflexão.

Este trabalho está organizado em cinco capítulos, cada qual contando com algumas seções. Na introdução dá-se uma visão geral sobre o tema, elucidando a abordagem adotada no documentário.

No capítulo intitulado “pré-produção”, trata-se de todo o processo de pesquisa do tema, assim como da preparação para a gravação do documentário, incluindo a elaboração de uma pauta de perguntas, escolha dos personagens e as definições estéticas e narrativas.

Na parte onde a produção é apresentada, são relatadas e justificadas as escolhas realizadas durante as gravações, sejam elas oriundas de imprevistos ou por novas percepções geradas pelo ato de gravar. Mostra-se como foi realizada cada entrevista.

No capítulo relativo à pós-produção discute-se a montagem do vídeo, assim como as demais etapas de finalização, além de se prospectar uma ação visando à divulgação e à distribuição do produto.

Na conclusão, procura-se avaliar a realização do projeto, analisando seus pontos positivos e negativos e quais objetivos foram alcançadas. A última parte do relatório é dedicada aos apêndice e às referências utilizadas na produção deste trabalho.

2. PRÉ-PRODUÇÃO

Neste capítulo, pretende-se esmiuçar todo o processo de pesquisa do tema do documentário **A parte que te cabe**, assim como o processo de elaboração do roteiro de perguntas, a escolha dos personagens e as definições estéticas e conceituais audiovisuais.

2.1 PESQUISA SOBRE O TEMA

O primeiro local tomado como ponto de pesquisa foi a internet, com destaque para os sites de notícia. A partir da divulgação do primeiro relatório do IPCC/ONU, muitas reportagens são divulgadas sobre a questão ambiental e da água, rendendo boas fontes de informação sobre o assunto.

O jornal O Globo, na sua versão *on line*, conta uma seção dedicada a notícias sobre o meio científico, com o nome de **Ciência**. Nela foi possível obter diversos dados ao longo de mais de seis meses de pesquisa, que consistem em uma primeira visão sobre o assunto, uma procura pelo contexto do tema.

A partir do uso de sites de busca, como o Google, são conhecidas diversas organizações e sites especializados na questão ambiental, sempre envolvendo a água, como Planeta Sustentável, Socioambiental, Terra Azul, WWF e Universidade da Água.

Também através de tal ferramenta, encontra-se publicações e autores que abordam a questão da água. Os dados obtidos pela internet serviram como base para a estruturação de uma pesquisa mais profunda e dirigida, que contaria com o apoio de oito pessoas.

Realizou-se quatro reuniões visando à discussão do tema e a busca de possibilidades de abordagem do documentário. Com elas encontra-se um importante nome da pesquisa sobre os recursos hídricos, o professor doutor Aldo Rebouças, da Universidade de São Paulo. Ex-secretário da Agencia Nacional das Águas, ele possui dois livros sobre o assunto e,

infelizmente, por conta de problemas de saúde, não pôde participar do documentário mais ativamente, como entrevistado. Mas suas publicações foram consultadas.

Apesar do documentário não estar baseado em dados científicos, mas em relatos individuais, vê-se como importante o seu conhecimento, principalmente no tocante à elaboração do roteiro de perguntas. Os dados serviram como orientações de caminhos possíveis para as entrevistas.

O segundo relatório divulgado pelo IPCC/ONU é o que possui maior número de referências sobre a água. Nele há um balanço dos impactos previstos para cada continente, relacionando com os possíveis efeitos à população.

Para a África

Espera-se que até 2020, entre 75 e 250 milhões de pessoas serão expostas ao aumento de escassez de água devido à mudança climática. Se combinado com o aumento da demanda por água, e isto afetará negativamente o meio de vida e acentuará os problemas relativos à água. (ONU, 2007, p.10)

Na Ásia, a previsão é de que até 2050, milhões de pessoas sejam afetadas pela escassez de água, devido ao aumento da população e da demanda para subir de vida. As geleiras do Himalaia derreterão, comprometendo o abastecimento de água “por duas ou três décadas. Com o decorrer do tempo, isto diminuirá o fluxo de água dos rios à medida que as geleiras se retrocederem”. (loc. cit.)

Para a Oceania as previsões são de secas ainda mais fortes, devido à redução de precipitação e ao aumento da evaporação. “Espera-se uma intensificação de problemas para assegurar o suprimento de água até 2030 no sul e leste da Austrália, e na Nova Zelândia nas terras do norte e em algumas regiões do leste” (ibidem, p.11)

O continente europeu também será afetado.

No sul da Europa é esperado que as condições (de temperatura e da seca) piores em uma região já bastante vulnerável à variação climática. É

esperada uma redução da disponibilidade da água, do potencial hidrelétrico, do turismo de verão e, de uma forma geral, da produtividade das plantações. [...] No leste e no centro da Europa, a diminuição de precipitação é esperada causando um grande nervosismo pela obtenção da água. (ONU, 2007, p.12)

Na América do Norte, “o aquecimento projetado para as montanhas do oeste causará uma diminuição da neve, mais enchentes de inverno e a redução do fluxo de verão, intensificando a competição por recursos de água já muito alocados” (loc. cit.).

Para a América Latina as previsões não são diferentes. No relatório diz-se que “espera-se que as mudanças nos padrões da precipitação e o desaparecimento das geleiras afetem significativamente a oferta de água para consumo humano, para a agricultura e para a geração de energia” (loc. cit.).

Especificamente sobre o Brasil, em uma visão geral, a relação de disponibilidade e demanda de água recente e a previsão para 2015 não é preocupante (TUCCI, 2001, p.63), vide tabelas. No entanto, por o país ter grande e variado território, há regiões em que a situação é séria. “Em regiões específicas do semi-árido, nas áreas urbanas e em bacias menores, onde a demanda é próxima ou menor que a disponibilidade, já ocorrem sérios conflitos e falta d’água” (loc. cit.).

O motivo disso não seria exatamente a falta de água, já que “com exceção dos 10% do território brasileiro, onde ocorrem rochas cristalinas subaflorantes do Nordeste semi-árido, a quantidade de água – superficial ou subterrânea – disponível varia de regular a abundante na maioria dos Estados do Brasil” (REBOUÇAS, 2004, p.179). Para Aldo Rebouças, os racionamentos e irregularidades no abastecimento são, portanto, devido a outros motivos, principalmente de gestão governamental.

Disponibilidade/demanda atual para as bacias brasileiras

Bacia	D_i km^3	Demanda km^3	D / D_i %
Amazonas	4.332,1	6,560	0,15
Tocantins	372,1	2,072	0,56
Atlântico Sul	135,6	11,201	8,26
Atlântico Norte/Nordeste	98,71	5,156	5,22
Atlântico Leste	137,2	4,482	3,27
São Francisco	89,88	16,008	17,81
Paraná	346,9	7,109	2,05
Paraguai	86,131(40,68)*	1,774	2,06
Uruguai	130,87	5,486	4,19

(FGV, 1998)

* Valor na saída do rio Paraguai. Esse valor não é representativo porque existe forte redução de vazão no Pantanal e as maiores demandas ocorrem a montante no Planalto; D_i – disponibilidade; D demanda

Evolução da demanda por água para cenários futuros

Bacia	Disponibilidade D_i km^3	2005		2015	
		Demanda km^3	D/D_i %	Demanda km^3	D/D_i %
Amazonas	4.332,1	-	-	-	-
Tocantins	372,1	-	-	8,70	2,47
Atlântico Sul	135,6	14,54	10,7	19,59	14,4
Atlântico Norte/Nordeste	98,71	11,37	11,5	15,51	15,7
Atlântico Leste	137,2	9,72	7,1	11,53	8,4
São Francisco	89,88	18,65	20,7	23,45	26,1
Paraná	346,9	9,93	2,9	15,66	4,5
Paraguai	86,131 (40,68)*	2,48	3,1	3,78	4,4
Uruguai	130,87	-	-	-	-

(FGV, 1998)

* valor na saída do rio Paraguai. Este valor não é representativo porque existe forte redução de vazão no Pantanal e as maiores demandas ocorrem a montante no Planalto; D_i disponibilidade; D demanda

Existiria no país uma estratégia da escassez da água, como forma de esconder os reais problemas, que ele enumera como sendo o crescimento desordenado das cidades, a ineficiência do fornecimento, que chegaria a ter de 30 a 60% de perdas durante a distribuição, o lançamento de cerca de 90% dos esgotos em rios, lagoas e oceanos, e o desperdício dos usuários, com 30 a 40% no setor doméstico, mas com destaque para a agricultura, em que aproximadamente 90% das irrigações vale-se de métodos que gastam muita água (REBOUÇAS, 2004, p.179).

Há, assim, tanto pesquisadores que chamam a atenção da sociedade para uma falta de

água potável atual e, principalmente, futura, quanto aqueles que admitem que o problema é real, mas a situação não está em um nível de calamidade.

São muitos os dados e pesquisas sobre o assunto, e é interessante procurar saber como os indivíduos percebem e processam essas informações, e como isso influencia no seu comportamento. “O importante é que essa informação toda não gere uma paralisia, do tipo as geleiras estão derretendo, vou me esconder debaixo da cama. Que a informação seja direcionada para mudanças no planejamento, na tecnologia e na postura do cidadão” (MINC, 2007).

2.2 ABORDAGEM DO DOCUMENTÁRIO

A água é um bem de consumo, e como tal envolve um valor. Ela não chega a ser uma mercadoria, já que esta definição aplica-se aos bens fabricados pelo homem e destinados a troca. Mas através de barreiras ao seu acesso ela transforma-se em uma quase-mercadoria, sendo valorizada (GORZ, 2003, p.31). É o caso da captura, estoque, tratamento e distribuição da água; não se paga por ela em si, mas pelo serviço, pelo seu acesso (BUONOFINA, 2007)

O valor de consumo, segundo Gorz (2003, p.36), se constrói pela convivência com o bem a ser valorizado. É a velha lei de oferta e procura do mercado ocidental. O que é abundante, tem baixo valor; o que é escasso ganha valor mais elevado. O próprio ato de consumo é fonte de um novo valor (MARX *apud* MOURA, 2007). Assim, por analogia, a facilidade ou dificuldade de acesso à água vai influenciar o comportamento de seu consumo.

Não somente a vivência com o próprio bem é criadora de valor. A experiência social do consumo é importante para a construções de valores, pois as pessoas valem-se da sua experiência de vida para se definirem (ROGERS, 1961, p.59). Portanto, outra vez analogamente, pode-se dizer que ao ver à sua volta pessoas que têm um certo hábito de consumo da água, certamente vai influencia o seu próprio modo de uso. Esses valores têm

como seu primeiro formador a família. São seus membros que “contribuem para a formação da identidade uns dos outros” (RIBEIRO *apud* STANHOPE, 1999, p.502).

Nossos hábitos e experiências vão determinar nossa forma de consumo:

(...) a gente consome porque em nossa casa consomem desta maneira, de onde aprendi certos hábitos, ou porque os meios de comunicação apresentam em sua publicidade carros maravilhosos, produtos maravilhosos... Então, eu não consumo o que quero, senão quem define o consumo é o que me diz que consuma (CORTINA, 2003, p.4).

Os moradores das grandes cidades, distantes da convivência de rios e lagoas, não sabem ao certo a origem da água que bebem e utilizam. O cidadão-consumidor moderno deixa de pensar como artesão, isto é, de pensar em como aquele bem é originado (SENNETT, 2006, p.155).

“As pessoas estão muito mal acostumadas, se você perguntar para uma criança de onde vem o leite ela vai achar que vem da latinha do supermercado, nunca viu uma vaca na vida. Se perguntar de onde vem a água, vem da torneira. Não tem a menor idéia do que é o processo de tratamento da água” (MINC, 2007)

Isto nada mais é do que o indivíduo moderno deixando de questionar o mundo a sua volta, incluindo os seus próprios hábitos (SENNETT, 2006, p.155). Há, portanto, uma dificuldade na sociedade atual quanto à reflexão sobre seus atos de consumo. Assim, o documentário **A parte que te cabe** procura justamente incentivar esse pensamento, procurando questionar os entrevistados sobre o seu comportamento de consumo da água.

É uma abordagem diferente das campanhas de preservação, que costumam apelar para uma construção de uma consciência ambiental, o que pressupõe uma verdade, um comportamento correto. Elas apresentam o que Foucault (2003, p.15) chama de regimes de verdade, que levam ao controle e regulamento do comportamento social.

O documentário não busca julgar, muito menos encontrar respostas para o problema. A proposta é ouvir pessoas diferentes, criando um debate sobre o assunto, a partir do qual soluções podem ser pensadas. É semelhante ao processo de Eduardo Coutinho, que

“não julga, cabe ao espectador tirar suas conclusões a partir do que vê e escuta, o que não significa nem neutralidade nem rejeição do ponto de vista do autor, mas uma relação original, extremamente difícil, entre o seu ponto de vista e o de seus personagens. O que importa [...] é o personagem que tem um ponto de vista específico sobre o mundo e sobre si mesmo” (LINS, 2003, p.127-136)

Não existe uma verdade, uma realidade absoluta (NIETZSCHE, 2004, p.17). Assim, todo documentário é uma representação social. **A parte que te cabe** não se propõe como um vídeo com declarações autênticas de seus personagens. Não importa se uma declaração foi feita pensando no que quem vai assistir ao vídeo vai pensar, em um momento sob a pressão da presença da câmera e da equipe de gravação.

Essa relação do público e do privado é interessante na construção do documentário, já que, como já dito, o comportamento de consumo é ao mesmo tempo pessoal, da experiência individual, quanto público, construído na relação com a sociedade. É interessante, portanto, perceber como uma pessoa constrói um argumento pensando na visão do outro.

Além disso, busca-se a pluralidade de opiniões, alimentando a reflexão e o surgimento de trocas. Por isso o uso de entrevistas como forma de unir relatos diferentes em uma história única (NICHOLS, 2005, p.160). Procura-se a questão do outro, que “coloca obrigatoriamente a de um mundo policêntrico ou de um mundo que não tem mais centro” (BERNARDET, 2004, p.138).

Desta forma optou-se pela interferência no discurso dessas pessoas. Não se trata de uma construção indiscriminada a partir do que foi dito, durante a montagem, mas uma

participação no momento da fala. Isto é, deseja-se interagir, participar de uma relação com cada entrevistado.

Este é o formato conhecido como documentário participativo, com o diretor participante da situação da gravação. A perspectiva é do diretor, mas esta se dá a partir de vozes individuais, que enriquecem o vídeo. “Vemos como o cineasta e as pessoas que representam seu tema negociam um relacionamento, como interagem, que formas de poder e controle entram em jogo e que níveis de revelação e relação nascem dessa forma específica de encontro” (NICHOLS, 2005, p.154).

Com a proximidade com o entrevistado pretende-se uma obtenção de declarações mais espontâneas – o que não significa que sejam autênticas, ou verdadeiras. No entanto, há certo distanciamento entre a diretora e seus personagens. Neste caso, a diretora

(...) pode obter do pesquisado mais distanciado de si socialmente que ele se sinta legitimado a ser o que ele é se ela se manifestar, pelo tom e especialmente pelo conteúdo de suas perguntas as quais, sem fingir anular a distância social que o separa de si, ela é capaz de se colocar em seu lugar e pensamento (BOURDIEU, 1997, p.699).

Estar próximo do personagem não é sinônimo de ser íntimo dele, já que o conhecimento prévio pode ser perigoso, por fazer com que o pesquisador/diretor do vídeo generalize e impessoalize. O já visto cria uma banalização, fechando-se à particularidade e unicidade do entrevistado (BOURDIEU, 1997, p.701).

O que se pretende é a descoberta. Assim, não haverá pesquisa anterior com cada personagem, deixando para o momento do encontro a troca de informações. É o que faz o Eduardo Coutinho, que acredita que ou se conhece profundamente o entrevistado, ou parte-se de conhecimento quase nulo sobre ele (COUTINHO *apud* LINS, 2004, p.191). A segunda opção é a que pode ser vista em grande parte de seus filmes.

Não é que a pesquisa não seja necessária. É que, em um lugar que é longe, primeiro, você diminui o custo; e segundo, você parte para a surpresa total. É o acaso mesmo. O acaso é fascinante, mas também não o acaso total, porque senão não existe filme. O acaso acontece, mas você o controla, separando o bom acaso do mau, do inútil (COUTINHO *apud* LINS, 2004, 191).

As linguagens do documentário poético e do performático também são adotadas, em imagens que se misturam às das entrevistas, como nos documentários **Janela da Alma** e **Estamira**, e no curta-metragem **A pessoa é para o que nasce**. Do poético quer-se utilizar formas alternativas para transferir informações, de maneira a criar um fio condutor para o vídeo, mesmo que fragmentado e ambíguo.

Ainda neste caminho, do modo performático quer-se a subjetividade como forma de suscitar questões sobre a compreensão do mundo e dos indivíduos, enfatizando suas dimensões subjetivas e afetivas ao dar valor à experiência pessoal e à memória. A objetividade e autoritismo das campanhas de preservação ambiental são colocadas de lado, fugindo de ordens e imperativos retóricos (NICHOLS, 2005, p.171).

2.3 PESQUISA DA FOTOGRAFIA: TÉCNICA E ESTÉTICA

O vídeo tem como referências principais os documentários **Janela da Alma**, de João Jardim e Walter Carvalho, e **Estamira**, de Marcos Prado, nos quais há uma bela união de entrevistas com imagens fotograficamente produzidas para passagens e coberturas.

Há ainda a influência do trabalho de Cao Guimarães, principalmente do seu curta-metragem **Sopro** e de seu longa também documentário **Andarilho**, sempre com uma forte presença da estética da videoarte. Em suas obras “se percebe o manejo das possibilidades artísticas do audiovisual: o artista plástico que pensa nos enquadramentos, tempos e cores e o trabalho posterior com o som – não só na trilha, mas na força assumida pelos silêncios” (FOSTER, 2007).

Buscou-se, portanto, a criação de uma estética visual para o vídeo a partir desses exemplos. Como vídeo seria constituído de imagens de paisagens somadas às imagens de entrevistas, realizou-se duas pesquisas, uma de fotografias de água na natureza e no cotidiano urbano, e de enquadramentos em documentários também baseados em entrevistas.

As fotografias foram pesquisadas pela internet, em sites de busca, e a partir disso algumas foram selecionadas para discussão com o câmera e diretor de fotografia do vídeo. Com os exemplos e as reuniões foi possível chegar a um objetivo visual para o documentário, que consistiu em usar muitos planos detalhes da água, imagens em movimento e o uso do desfocado.

Para o posicionamento da câmera nas gravações, analisou-se o documentário **Edifício Máster**, de Eduardo Coutinho, pois nele há somente entrevistas realizadas dentro de apartamentos, isto é, de espaços fechados e limitados, o que, inicialmente, seria a locação de todo o vídeo.

Procurando não achatar os personagens com a parede de fundo, percebeu-se que um posicionamento mais inclinado, tendo como fundo o encontro de duas paredes seria a solução para dar profundidade à imagem. Tal técnica foi utilizada em algumas entrevistas, já que em grande parte foi possível realizar a gravação em uma área externa da residência dos personagens.

Para o enquadramento e movimento de câmera **Janela da Alma** serviu como principal base. No filme há um vasto uso de closes, às vezes chegando a planos detalhes das pessoas, e isso procurou ser utilizado no vídeo. A idéia do uso dos closes foi não somente pela referência do filme, mas por acreditar que a abordagem do tema, procurando saber como é um hábito particular, se relacionava com o uso de planos mais fechados, isto é, mais particulares.

Tentou-se realizar o movimento de câmera, que percorre o corpo do entrevistado, no entanto encontrou-se uma grande dificuldade de operação de câmera para isso. Assim, optou-se por usar uma câmera mais parada, com alguns poucos *zooms*.

2.4 ESCOLHA DOS PERSONAGENS

A parte que te cabe não se trata de um vídeo de personagens. Não pretende-se contar sua história de vida, seu cotidiano. A busca aqui está no seu íntimo, na sua opinião sobre o consumo de água, tanto próprio quanto de terceiros. Sua origem não importa aqui, mas sim suas idéias e impressões sobre o mundo que lhe cerca, e seu próprio mundo particular.

Isso não significa que o personagem não seja importante. O vídeo é calcado em em indivíduos cuja experiência de vida, comportamento ou temperamento emocional fez com que eles fossem escolhidos. Cada personagem possui um ponto de interesse que fez com que fosse escolhido para participar do vídeo.

A partir deste ponto, que é o único elemento de conhecimento prévio que possuímos, parte-se para a gravação sabendo muito pouco sobre o personagem. A vontade aqui é estar aberto a descobrir, a ver o outro com interesse. Saber menos pode ajudar na tarefa de tentar compreender melhor o hábito de consumo alheio, afinal parte-se de uma quase ausência de pré-conceitos.

Essa experiência se mostrou realmente interessante e produtiva. Alguns personagens surpreendeu pela visão que têm sobre o assunto, ou por uma experiência de vida que não era de conhecimento da equipe. A troca da diretora com os personagens foi, portanto, intensa. A cada pergunta ouvia-se uma novidade, que fazia gerar perguntas novas.

O documentário fala sobre a diferença entre as pessoas, o que gera diferentes opiniões, comportamentos, hábitos, ações e consumo. A água entra como elemento para análise neste contexto: como as pessoas lidam e consomem a água?

Este é um documentário de busca: busca-se ouvir e interagir com as pessoas comuns sobre um assunto particular e ao mesmo tempo público, já que a água é um bem de todos, e o consumo está sujeito ao olhar e influência da sociedade e instituições.

Esta proposta ganhou contornos mais firmes no decorrer das gravações. Depois de cerca de 10 entrevistas terem sido realizadas, percebeu-se que os personagens estavam programados para ainda serem entrevistados não seriam convenientes para o foco que se pretendia no vídeo.

Assim, alguns personagens foram excluídos, e outros acrescentados. Foi o caso de um geógrafo, que foi cortado por acreditar-se que daria um discurso de um especialista, o que fugia do interesse pela pessoa comum.

2.5 OS PERSONAGENS

Para a produção do documentário **A parte que te cabe** foram entrevistadas 12 pessoas de diferentes classes sociais e moradoras de diferentes regiões da cidade do Rio de Janeiro, além de algumas de Nova Iguaçu e um de São Paulo, capital. A seguir, informações sobre os personagens, as quais eram as únicas de conhecimento da equipe antes das gravações.

Sebastien Roguier é professor e químico francês residente no Rio de Janeiro há cerca de 10 anos. Morador da Tijuca, ele não acredita que a economia de água pela a população comum possa contribuir para a sua preservação. Para ele o problema está no governo e, principalmente, nas empresas.

Marlene Medeiros e Maria do Carmo de Moraes são vizinhas, donas de casa moradoras do bairro de Jardim Nova Era no município de Nova Iguaçu, zona metropolitana do Rio de Janeiro. A região é pobre e sofre com o abastecimento falho de água há muitos anos.

Leandro Alves e Joana Darc dividem uma casa na mesma rua que elas, e também sofrem com os mesmo problema. Os moradores das casas do nível mais acima da rua dizem que muitas das vezes o problema no fornecimento de água está no fato do moradores das casas mais abaixo desperdiçam, enchendo piscina etc. Joana é uma das pessoas que bate na porta da casas dessas pessoas reclamando pelo desperdício.

Carlos Minc é geógrafo professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas é mais conhecido pelo seu trabalho político. É deputado federal pelo Estado do Rio de Janeiro e assume o cargo de Secretário do Meio Ambiente no Governo do Estado do Rio de Janeiro. Suas campanhas eleitorais são sempre marcadas pela defesa do meio ambiente.

Alessandra Vilas Bôas é médica pediatra moradora do Recreio, zona oeste do Rio de Janeiro. Ela teme os efeitos da degradação ambiental no planeta, e vê a questão com certo desespero. Acredita que a situação é crítica e que algo precisa ser feito.

Simone de Menezes é empregada doméstica e manicure, original do interior de Pernambuco, sendo há mais de seis anos moradora do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro. Ela veio de uma região relativamente seca para um lugar onde não há saneamento básico, onde a água já foi um problema.

Renata Barboza é médica cardiologista, e desde criança é moradora da Ilha do Governador, zona norte do Rio de Janeiro. Sua filha Luana Barboza, de dois anos, já apresenta comportamento de preservação do meio ambiente, graças à educação de sua mãe. Renata acredita que a educação é importante para a construção de novos hábitos.

Pedro Menezes é morador do Grajaú, zona norte do Rio de Janeiro, e é comerciante aposentado. Ele viveu em uma época em que o abastecimento de água na cidade era complicado, e confere ao documentário uma visão de memória.

Francisco Buonafina é o presidente da ONG Universidade da Água, além de ser chefe de gabinete da Secretaria Especial para Participação e Parceria da Prefeitura de São Paulo. Ele

tem atuação ativa na questão da preservação da água, fazendo campanhas em rádio, internet e demais veículos midiáticos.

Rafael Zilberman é estudante e morador da Ipanema, zona sul do Rio de Janeiro. Ele vê com desconfiança as notícias de alarme quanto a situação ambiental do planeta, acreditando que tudo não passa de uma espécie de conspiração. Assim, não se preocupa com a preservação.

2.6 DEFINIÇÃO ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Durante cerca de quatro meses, paralelo à pesquisa do tema, realizou-se discussões sobre o roteiro de perguntas para o vídeo. Através de reuniões com a equipe de pesquisa chegou-se a um esboço do questionário, que foi mais trabalhado posteriormente ao lado da assistente de direção.

A maior preocupação era quanto ao emprego de certas palavras que poderiam em si direcionar o discurso. Evitou-se, portanto, usar expressões como “você desperdiça água?”, ou “você economiza água?”. Assim, as perguntas foram reconstruídas diversas vezes, sempre tentando ser menos direcionador possível.

Neste caminho procurou-se aprofundar certos conceitos que podem ser de conhecimento comum mas cujo significado pode variar entre as pessoas. Por isso uma das perguntas foi sobre o que se compreendia como desperdício e como consciência, e demais palavras que surgiam no decorrer das entrevistas.

Criou-se um roteiro básico comum a todos os personagens, e cada um acrescentava-se algumas perguntas específicas, valendo-se do pequeno conhecimento prévio que se tinha do entrevistado. Por exemplo, na gravação em Nova Iguaçu já se sabia que a região sofre com falta d'água, assim algumas questões foram criadas pensando neste contexto.

O roteiro de perguntas não se manteve intacto durante todo o período de gravação. No decorrer das entrevistas percebia-se novas questões que poderiam ser abordadas, e outras que poderiam ser excluídas. Principalmente nas duas primeiras gravações foram realizadas diversas alterações no roteiro, que daí em diante foi praticamente o mesmo até o final.

2.7 EQUIPE TÉCNICA

O documentário **A parte que te cabe** é uma produção independente, totalmente custeada pela própria realizadora. Assim, os profissionais envolvidos são voluntários, não recebendo nenhuma remuneração pelo seu trabalho. Grande parte da equipe é de alunos da própria Escola, ajustando cada um a uma tarefa que mais lhe convém e haja maior identificação.

Apenas duas pessoas não são alunas, ambas relacionadas ao som, sendo o técnico de som direto Alexandre Nascimento, que é funcionário concursado da Escola, e Francisco Slade, formado em mestrado pela Escola, editor de som profissional que já realiza outros projetos com a diretora do vídeo.

2.8 PLANO DE GRAVAÇÃO

Devido ao carácter voluntário dos membros da equipe técnica, os dias e horários das gravações ficaram sujeitos à sua disponibilidade. Por conta de trabalhos paralelos, os finais de semana são os dias ideais, tanto para equipe quanto para os próprios entrevistados.

Assim, a maioria das entrevistas foi agendada para sábado ou domingo, assim como as gravações das imagens de passagem. Desta forma, foram necessários oito finais de semana para a conclusão do período de produção do documentário, que compreendeu os meses de julho e agosto de 2007.

A marcação seguia a possibilidade dos entrevistados, tanto para o dia quanto para o horário. Apenas duas entrevistas aconteceram em dia de semana, foram elas as realizadas com Carlos Minc e Francisco Buona, por conta de pedido dos mesmos.

2.9 AUTORIZAÇÕES

Todos os entrevistados assinaram no momento da gravação uma autorização para uso de sua imagem e som no documentário, tanto para exibição em universidades quanto em festivais, internet e televisão. Como as locações foram a própria residência dos personagens, não foi necessário fazer nenhum pedido de autorização para uso de espaço.

As entrevistas com Carlos Minc e Francisco Buonafrina precisaram passar por aprovação da Secretaria de Meio Ambiente do Estado do Rio de Janeiro e da Secretaria Especial para Participação e Parceria da Prefeitura de São Paulo, respectivamente.

3 PRODUÇÃO

O processo de produção do documentário compreende toda a etapa de obtenção das imagens e sons, sejam referentes às entrevistas quanto aos momentos de passagem (registro de paisagens). As gravações de **A parte que te cabe** duraram nove semanas, e neste capítulo procura-se detalhar as circunstâncias de cada gravação, relacionando-as com as decisões estéticas, técnicas e conceituais tomadas neste período.

3.1 DIREÇÃO GERAL

A autora coordenou toda a produção do vídeo, contando com o auxílio de três produtoras. A direção também ficou a seu cargo, sendo aquela que realizou as perguntas durante as entrevistas. Além disso, toda a criação imagética (fotografia) e sonora (som direto) foi comandada por ela, porém dando liberdade de escolha por parte dos responsáveis por tais áreas.

Uma importante figura durante a gravação das entrevistas foi a da assistente de direção, que contribuía não somente em lembrar à diretora as questões a serem feitas, mas no desenvolvimento de novas perguntas, enriquecendo o diálogo com o entrevistado. Assim, percebeu-se que ele não se sentia interrogado por uma pessoa, mas um integrante de um momento de conversa, do qual participavam ativamente a diretora e sua assistente, às vezes até mesmo com algumas intervenções da produtora presente.

3.2 AS ENTREVISTAS

As gravações com os personagens levaram de 15 a 50 minutos, sempre respeitando o tempo de fala de cada um. Para não haver pressões de tempo por parte da equipe, em cada dia realizou-se uma única entrevista. Assim podia-se dar o tempo necessário para o entrevistado desenvolver seu pensamento.

Como cada um foi escolhido por motivos específicos, viu-se a necessidade de uma abordagem específica. Havia um roteiro de perguntas unificado, mas a cada personagem incluía-se algumas questões próprias. Ademais, cada entrevista se deu em um local, dia e horário diferente, o que trouxe particularidades visuais e sonoras para cada uma.

3.2.1 Sebastien Roguier

O francês radicado no Brasil Sebastien foi o primeiro entrevistado. A gravação se deu no seu apartamento, localizada no bairro Tijuca, zona norte do Rio de Janeiro.

Por sua sala de estar, assim como demais cômodos, ser deveras escura, optou-se por gravar em um pátio externo do prédio. Todo envolto pelo prédio, outros apartamentos e um muro, o local possui baixa incidência de luz. Assim, o uso de iluminação artificial viu-se necessária. Utilizou-se dois refletores tipo fresnel de 1.000 watts, um posicionado como luz principal, recebendo gelatina azul, e outro fazendo a contraluz, com gelatina amarela e difusores. A luz secundária era a fornecida pelo próprio sol, já que no dia fazia um bom tempo.

Apesar de ser um espaço fechado, há algumas interferências sonoras provenientes de outros apartamentos. Ouve-se algumas vozes e sons de manuseio de objetos. Em alguns momentos foi preciso pausar a gravação devido ao nível do ruído, como durante a passagem de um avião.

Sebastien foi o protagonista de uma das entrevistas mais longas, com cerca de 45 minutos. Com ele foi feita uma espécie de teste do roteiro de perguntas, percebendo o que funcionava e quais outros caminhos podiam ser seguidos. A interação com ele fez surgir novos questionamentos.

Outra particularidade da entrevista foi a total quebra de expectativas. Havia uma espera por um certo depoimento por parte dele que acabou não se concretizando. Durante uma conversa anterior, Sebastien deu opiniões mais polêmicas, como sua idéia de que não existiria

porquê economizar a água, já que ela iria para o mar e ficaria inutilizada mesmo. Ele acabou não fazendo tal declaração, pelo contrario, mostrou-se bastante a favor da preservação. No final da entrevista essa decepção da diretora e da assistente é revelada para Sebastien, quando ele indaga se disse o que queríamos ouvir.

3.2.2 Maria do Carmo M., Marlene M., Joana D. e Leandro A.

Este foi o dia mais complicado de gravação. Marcada para começar pela manhã de um domingo, acabou por acontecer no início da tarde, por conta de atraso de toda a equipe. Por ser um local distante, equipe e equipamentos foram transportados por carro da produção.

Os personagens moram em um bairro afastado do centro da cidade de Nova Iguaçu, fazendo com que sua localização não seja fácil. Por conta disso houve algumas confusões de caminho, o que resultou em um atraso considerável. Assim, o horário da gravação não foi ideal, acontecendo por volta das 12h30, quando o sol estava muito forte. Para contornar a situação, foi preciso improvisar um *butterfly* com um rebatedor branco.

O local de posicionamento das duas cadeiras para os entrevistados foi escolhido procurando ter um fundo interessante e que não tivesse sombra da casa. O resultado foi um fundo com parte da parede da casa, casas vizinhas, roupas no varal e um céu incrivelmente azul.

Este segundo dia de gravação foi realizado com as pessoas com menor poder aquisitivo presentes no documentário, e foi o único dia em que tivemos uma recepção calorosa. Muitos vizinhos, sabendo da gravação, foram à casa de locação para assistir a produção, e a dona da casa montou todo um lanche para equipe, com bolo, pão etc. Tal momento não está presente no vídeo pela crença de que fugiria à sua abordagem.

Além do lanche, foi oferecido para beber apenas refrigerante para a equipe, já que na casa não há água, apenas de um poço para fazer serviços de lavagem. Em um momento a

diretora perguntou “não tem água para beber?” e responderam algo como “não tem nada, por isso a gente fica bebendo refrigerante”. Infelizmente, durante este momento a câmera estava desligada.

Outros momentos como esse, surgidos na ausência da câmera, aconteceram neste dia. Relatos espontâneos, isto é, não gerados por uma pergunta da diretora, foram recorrentes, enquanto os entrevistados e amigos ficam conversando. A partir disso percebeu-se que seria interessante possuir duas câmeras durante as gravações: uma oficial e outra para captar todos esses momentos não esperados e programados.

Eram duas as pessoas escolhidas para serem entrevistadas, mas que no momento da gravação se recusaram. Assim, quatro novas pessoas surgiram, mas todas com o ponto de interesse comum: viverem naquela rua com extrema falta de água.

É o único momento de entrevista em duplas do documentário. Inicialmente o formato foi escolhido para esta locação visando um entrosamento entre os entrevistados, para que assim ficassem menos inibidos com a presença da câmera. A idéia parece ser boa, já que há vários momentos em que os membros de cada dupla interagem entre si. Por outro lado, percebe-se que talvez a realização de entrevistas individuais pudesse ter tirado relatos mais individuais.

Fazia um belo dia de sol, e aproveitou-se para registrar diversas imagens externas para usar como passagem e cobertura na montagem. Foram gravadas diversas opções do poço da casa, do riacho que secou, do céu azul, do terreno muito seco, e de uma casa que foi arrastada durante uma enchente.

3.2.3 Simone Menezes

Esta foi a primeira entrevista que não pôde ser realizada na própria residência do personagem, isto porque Simone mora em uma favela pertencente ao Complexo do Alemão,

no subúrbio do Rio de Janeiro. Como a situação na região é vista como crítica, com invasões e tiroteios com certa frequência, constatou-se ser mais prudente não levar equipe e equipamentos para lá.

Assim, a gravação se deu no condomínio residencial no qual Simone tem grande parte dos seus clientes como manicure, localizado no Grajaú, zona norte do Rio de Janeiro. Desta forma, seu cotidiano de trabalho não seria prejudicado e a gravação podia acontecer sem uma preocupação com a segurança da produção.

Esta terceira entrevista aconteceu em um sábado a tarde com um dia de sol. Por conta do horário em que se começou a gravar, por volta das 14h, o sol estava muito forte, o que foi um problema para encontrar o local perfeito para a realização da gravação. Tudo estava marcado para um outro horário, mas por conta de um imprevisto com um membro da equipe e com a própria entrevistada, foi necessário modificar.

Depois de muitos testes, escolheu-se um banco localizado na praça do condomínio, o qual estava coberto pela sombra de árvores próximas. A questão da luz estava resolvida, sendo utilizado apenas um rebatedor dourado.

Como era uma praça em um final de semana, havia muitas crianças e pessoas em geral circulando pelo espaço. Mesmo o banco ficando em um local mais reservado, houve alguns problemas com interferências sonoras. Em vários momentos foi preciso parar para não prejudicar a fala da entrevistada, ora por som de cachorro ou de criança brincando, ora por bola batendo no chão ou um *skate*.

Simone foi uma das últimas personagens a serem escolhidas, e pouco se sabia sobre suas opiniões. Assim, foi uma entrevista cheia de surpresas para a equipe. Outra pré-concepção foi quebrada: ela não tem o Ensino Fundamental completo, mas sabe articular muito bem seus pensamentos e fala.

3.2.4 Alessandra Vilas Bôas

Ela é médica e mora com os pais em um apartamento no Recreio, zona oeste do Rio de Janeiro. Como na gravação anterior, por a locação ser mais distante, toda a equipe foi transportada por um carro da produção, assim como todo o equipamento. Durante o caminho procurou-se realizar algumas imagens com o carro em movimento, como no elevador do Joá e da lagoa de Marapendi, na Barra da Tijuca.

Em uma conversa anterior, Alessandra informou que seu apartamento possui uma varanda grande e bem iluminada, e logo se decidiu fazer a entrevista no local. No entanto, ao chegar no apartamento, percebeu-se que a varanda tinha vista direta para outro prédio, tendo, portanto, um fundo poluído por muitos elementos, além de haver muitos ruídos por conta de outros moradores. Verificou-se a possibilidade de gravação no interior do apartamento, na sala, mas a luminosidade era bem fraca e não havia equipamento adequado para uma boa iluminação naquela situação.

Assim, por sugestão da própria Alessandra, resolveu-se gravar na margem do rio que se localiza logo à frente do seu prédio. Foi um ótima solução, já que o local era relativamente silencioso e era iluminado pelo sol. Além disso, tinha como fundo um rio que é extremamente poluído, mesmo tendo sua nascente em uma reserva florestal próxima, o que permitiu a realização de imagens interessantes para passagem.

Devido a algum problema na bateria da câmera, foi necessário usar energia de tomada para alimentá-la. No entanto, como a entrevista ia se dar fora da área do prédio, em um local sem nenhuma construção civil, não havia tomada por perto. Por sorte, dentre os equipamentos havia duas prolongas de dois metros, que ainda assim precisaram ser complementadas por uma extensão cedida pela mãe de Alessandra. Depois da fiação feita, o problema estava solucionado.

A luz parecia ser perfeita no local, o que não se mostrou assim. Como já era quase meio dia, o sol estava forte, e a gravação não poderia acontecer em um local totalmente iluminado, assim, era preciso gravar sob alguma sombra. Havia um banco de madeira bem coberto pela sombra produzida por árvores, e por isso ele foi escolhido como o local da entrevista.

As sombras acabaram sendo forte demais, e foi preciso utilizar um rebatedor prateado durante toda a entrevista. Mesmo com duas pessoas segurando-o, ele sofria uma variação de posição a todo o tempo, o que provocava variações na luz nada desejáveis. Às vezes a mudança é tanta que inviabilizou a utilização de alguns planos, mesmo tendo falas interessantes.

O problema foi percebido no momento da gravação, mas não conseguiu-se solucioná-lo. Mesmo utilizando um suporte no chão, para ajudar na sustentação do rebatedor na sua posição ideal, ele variava muito.

Outro problema foi com o som. O local não era tão silencioso, já que por o rio contar com muitos jacarés, ele se torna alvo de atenção de curiosos, que param no local para vê-los. Como era um domingo, a circulação no local era grande, com carros e motos passando. Alguns planos também precisaram ser descartados por conta de ruídos de motor. Em vários momentos, na própria gravação, foi preciso interromper a entrevista por conta de um barulho, de carro ou de pessoas falando próximo à locação.

Mesmo com os problemas técnicos, a gravação foi um sucesso pelo conteúdo debatido. Alessandra levantou questões interessantes, até mesmo algumas que não haviam sido previstas pelo roteiro, como a questão das doenças provocadas pela falta de água potável, o que, a partir disso, depois seria explorado com outros entrevistados.

Alessandra foi outra entrevistada que preparou um lanche pós-gravação para a equipe. Foi um momento interessante para interagir mais com ela, o que é importante para o

documentário. Foi a partir dessa conversa que, por sugestão dela, no mesmo dia foi-se à Prainha para gravar algumas imagens. A programação era gravar apenas a praia do recreio, mas acabou-se indo mais longe.

A idéia foi ótima, já que as imagens da Prainha renderam bastante. Como o local conta com poucas construções, a paisagem é mais bonita de se registrar. No entanto, por ser um domingo de sol, havia muitos carros e pessoas, o que por um momento atrapalhou na captação. No entanto, quando subiu-se a um local mais alto, pude-se gravar belos planos.

Ainda durante a volta, realizada por toda a orla do Recreio e Barra da Tijuca, gravou-se imagens da praia, com o carro em movimento. O mesmo foi feito em São Conrado e na Estrada Niemayer, chegando no Leblon.

3.2.5 Renata Barboza

Este foi o quarto dia de gravação, que se deu em um domingo de manhã na casa da Renata na Ilha do Governador, zona norte do Rio de Janeiro. O objetivo era gravar não apenas ela, mas também sua filha Luana, de três anos. Mas por conta de todo o aparato de gravação e da presença da própria equipe, a menina sentiu-se com medo, e ficou grande parte do tempo distante.

O dia estava bastante nublado, havendo variação de luz a todo tempo, por conta da movimentação das nuvens. O quintal da casa serviu de locação, devido à luminosidade e à presença de uma piscina cheia ao fundo, contribuindo para a beleza e expressividade do quadro.

Como era área externa, estava bastante sujeita a já mencionada variação de luz. Mesmo assim, preferiu-se não utilizar luz artificial, valendo-se apenas de um rebatedor (isopor) branco. Afinal, as demais entrevistas realizadas em externas foram feitas desta forma, e assim mantinha-se uma continuidade na luz.

Por ser uma região residencial e um domingo, a gravação estava sujeita a ruídos típicos de locais com casas. Assim, foi preciso parar a entrevista algumas vezes por conta de latidos de cachorros e som de carros passando na rua. Fora isso, não houve grandes problemas com o áudio.

A pequena Luana não sofreu nenhum tipo de direção por parte da diretora do vídeo. Sua aparição é por conta própria, isto é, quando ela aparece é porque assim quis, não tendo sido chamada por nós ou até mesmo por sua mãe. Pode-se dizer que foi uma presença espontânea, ainda que rara.

Renata foi uma das entrevistadas que se mostrou mais distante, interagindo pouco. A entrevista se deu como uma série de perguntas e respostas, não uma conversa, como com os demais. Entretanto, de forma alguma isso empobreceu seu relato.

Segundo o roteiro inicial, Renata e Luana protagonizariam uma cena montada para o final do filme, que consistiria em uma mãe e uma filha brincando em uma piscina. Mesmo já tendo sido avisada com antecedência sobre esta idéia, e tendo sua aprovação, não realizou-se tal cena por conta do tempo ruim, com luz não favorável e clima frio para entrar na piscina.

3.2.6 Pedro Menezes

Como grande parte dos entrevistados, Pedro foi gravado em sua casa, no Grajaú, zona norte do Rio de Janeiro. Ele foi o primeiro a ter o interior da casa como locação, nos demais, por conta da luz, usou-se áreas externas à residência. Mais uma vez a gravação se deu em um domingo pela manhã, mas por conta de atrasos da equipe, o horário realmente gravado, por volta das 11h30, não era o ideal, por conta da intensidade da luz solar.

Além disso, havia nuvens no céu, o que fez com que a iluminação variasse muito, chegando a estourar a imagem. Para contornar a situação, utilizou-se um tecido branco de baixa opacidade, como um *butterfly*, para cobrir toda a área da janela.

Durante a gravação não foi percebido pelo técnico de som a interferência sonora de um antigo relógio de pêndulo na parede da sala. Em alguns momentos é possível ouvi-lo no material gravado. O mesmo relógio nos obrigou a parar a entrevista duas vezes, já que a cada 15 minutos um cuco soava.

O áudio também foi prejudicado por conta de sons externos da vizinhança, como de cachorros e carros. Mas foram poucos os momentos que foi preciso pausar a gravação por conta disso.

Pedro não desenvolvia histórias diferentes, sempre voltando a um ponto já debatido, talvez por ser um senhor de idade. Apenas no final da entrevista conseguiu-se abrir o leque do seu discurso. Ele é avô de uma das produtoras do vídeo, o que contribuiu para que se mostrasse próximo da diretora. Assim, ele interage e faz perguntas, como em uma conversa normal.

3.2.7 Carlos Minc

Esta foi a primeira entrevista que não pôde ser realizada na residência do entrevistado. Minc é deputado federal e secretário do meio ambiente do Estado do Rio de Janeiro, e por isso seu assessor autorizou a realização da gravação em seu gabinete no centro da cidade.

Por conta de uma outra gravação com o Minc agendada para o mesmo dia, de realização da TV Globo, foi preciso esperar cerca de meia hora para entrar no gabinete para montar os equipamentos. O tempo era curto, já que o assessor havia pedido algo em torno de 15 minutos de entrevista, o que obrigou à equipe fazer uma montagem rápida, com destaque para a luz. Já sabendo disso, este foi o único dia em que contatos com uma assistente de iluminação, o que contribuiu bastante para a rapidez no processo.

Minc não se ateu ao tempo estipulado de início, e a entrevista durou cerca de 25 minutos. Suas respostas eram curtas e quase sempre incluíam alguma atividade do governo,

um modelo ao qual ele deve estar acostumado por conta de sua longa carreira política. Para contornar isso e chegar a um discurso de Minc cidadão, e não somente do Minc político, a diretora refez diversas perguntas, com um outro enfoque, e sempre tentando esmiuçar alguns conceitos ditos por eles.

3.2.8 Francisco Buonafina

Ele é o presidente da ONG Universidade da Água, além de ser chefe de gabinete da Secretaria de Especial para a Participação e Parceria da Prefeitura de São Paulo. Assim, esta foi a única gravação a se dar fora do Rio de Janeiro, e a terceira a ser feita fora da residência do entrevistado, sendo novamente no seu local de trabalho. A gravação foi possível devido a uma viagem da diretora a trabalho na cidade. Como havia apenas um dia disponível para a gravação, a entrevista foi agendada com cerca de um mês de antecedência.

Assim, tudo precisou ser feito com uma pessoa apenas, a idealizadora do projeto, que reuniu em si as funções de direção, fotografia/câmera, produção e operação de áudio. Como o equipamento era emprestado, não foi possível utilizar nenhum tripé para a câmera, e por isso essa foi a única entrevista realizada com câmera na mão. Procurou-se manter uma certa estabilidade na imagem, assim como realizar enquadramentos semelhantes às outras entrevistas, para haver uma continuidade em todo o documentário.

Também não havia equipamento de iluminação, portanto utilizou-se a luz proveniente do próprio local, o gabinete da secretaria, localizado no centro de São Paulo. Apesar da bela paisagem externa, que podia ser vista da janela, não foi possível posicionar Francisco de for a aparecer tal vista, pois o fundo estourava, já que a luminosidade externa era bem superior a interna.

Um equipamento de luz solucionaria o caso, mas como não existia, por estar sem os equipamentos da faculdade, a idéia precisou ser descartada. Além disso, para aparecer o fundo

era preciso abrir a janela, o que trazia o barulho da rua para a sala, impossibilitando uma captação de som direto. Assim a melhor opção era gravar com Francisco sentado à sua mesa, tendo um mapa da cidade à parede como fundo.

Curiosamente as duas figuras de certa autoridade no documentário, Francisco e Carlos Minc, tiveram uma gravação esteticamente parecida. Ambos foram gravados em seus gabinetes, sentados à sua mesa, contando com um mapa ao fundo. Apesar de não ter sido premeditado, isso acabou contribuindo para marcar visualmente os dois personagens, o que acabou sendo interessante para o documentário.

Com a equipe reduzida a apenas uma pessoa, a produção estava sujeita a problemas, como o ocorrido com a bateria da câmera, que não estava totalmente carregada. Cerca de 20 minutos de entrevista foram realizados até que ela descarregasse totalmente. O carregador não estava em mãos, mas sim no hotel, e com isso Francisco ofereceu um carro da Prefeitura para ir até o local e buscar o carregador, para que assim a entrevista pudesse ser continuada.

Isso foi feito e mais 10 minutos foram gravados. Como o trajeto de ida e volta do hotel levou quase uma hora, percebe-se que na primeira parte da entrevista Francisco encontra-se mais disposto a falar, gesticulando e sorrindo mais, além de montar um discurso mais longo. Na segunda parte, após retorno do hotel, ele já não se mostra tão amigável, dando respostas mais curtas e diretas.

3.2.9 Rafael Zilberman

Este foi o último entrevistado, e também o último a ser escolhido. Havia uma previsão de um certo discurso por parte do Sebastien, o que não se verificou na gravação. Existia, portanto, um desejo por um personagem com opiniões fortes e não exatamente politicamente corretas, procurando uma variedade de idéias para o vídeo.

A partir disso, Rafael foi indicado para participar, já que teria idéias interessantes. Ademais, ele é morador de um grande apartamento na Avenida Vieira Souto, em Ipanema, na zona sul do Rio de Janeiro, sendo membro de uma classe social que ainda não havia sido abordada, e sua participação se mostrou muito boa para o documentário.

Rafael foi a segunda pessoa que pôde ser entrevistada no interior de sua casa. Como trata-se de um grande apartamento de frente para o mar, há uma parede coberta por janelas, o que deixa o ambiente muito bem iluminado. O fato de estar nublado contribuiu bastante, fazendo com que a luz não fosse forte demais. Ele foi posicionado de costas para a janela, e à sua frente foi colocado um refletor fresnel com gelatina azul para fazer a luz principal.

Apesar da aparente facilidade da iluminação desta entrevista, foi necessário demandar um certo tempo para conseguir a cor desejada. Como a praia foi usada como fundo, e assim, ela deveria ficar visível, foi preciso reposicionar a iluminação artificial diversas vezes, assim como testar diversas aberturas de diafragma. No fim, objetivo foi atingido.

O operador de câmera não pôde permanecer na gravação, ajudando apenas na preparação da luz. Assim, novamente a diretora precisou operar a câmera, o que prejudicou um pouco na continuidade da entrevista. Foram feitas diversas pausas para se pensar o que deveria ser perguntado. Por isso, pode-se dizer que foi uma das entrevistas na qual a presença da assistente de direção se mostrou essencial. Ela é prima do entrevistado, e há, portanto, uma intimidade entre eles, o que proporcionou alguns momentos de conversa mais solta.

Rafael foi o que se mostrou mais preocupado com sua imagem no vídeo. Em vários momentos enxugava o rosto com uma toalha, sempre perguntando como estava sua imagem na tela. Ele também indagava a diretora sobre como sua fala seria montada, preocupado com a forma que seu discurso pareceria. Era nítido seu temor de parecer algo ruim, mostrando um entendimento sobre o poder da construção audiovisual, da manipulação da imagem e som.

3.3 MODIFICAÇÕES NO ROTEIRO DE ENTREVISTA ORIGINAL

As perguntas elaboradas para as entrevistas começaram a ser pensadas seis meses antes das gravações, e foram definidas com um mês antes. Neste primeiro momento elas foram desenvolvidas pela diretora, com sugestões de sua equipe como um todo, com destaque para a assistente de direção. Logo após a primeira entrevista, realizada com Sebastien, percebeu-se alguns problemas na pauta inicial, como a redundância de algumas questões e a não previsão de alguns temas importantes a serem levantados.

Esta primeira gravação, portanto, contribuiu para um aprimoramento, que continuou nas outras duas entrevistas posteriores, com os quatro moradores de Nova Iguaçu e Simone. Com o surgimento de opiniões diferentes, novas perguntas surgiram e algumas foram descartadas. Percebeu-se que certos caminhos funcionavam, rendiam bons discursos, e assim passaram a ser mais incentivados e aprofundados.

No quarto dia de gravação, realizado com Alessandra, as perguntas já estavam mais consistentes, fluindo com maior desenvoltura por parte da diretora. A partir desse momento as entrevistas ganharam mais um caráter de diálogo do que de um questionário, tirando algumas exceções.

3.4 GRAVAÇÃO DAS PASSAGENS

Para a diretora, compreende-se como imagens de passagem aquelas capturadas com a ausência de personagens, fazendo um registro de paisagens e situações. O uso do plano detalhe, do desfocado e da câmera na mão, fazendo movimentos inconstantes é a estética pretendida para essas imagens.

Algumas foram feitas durante o caminho até a residência de alguns entrevistados, como as imagens da praia da Barra da Tijuca, Recreio e Prainha, e da Baía de Guanabara. Outras foram produzidas no próprio local das entrevistas, durante intervalos, como a água

poluída de um canal no Recreio, a água da piscina da casa da Renata, e um rio seco em Nova Iguaçu.

Há ainda aquelas registradas durante dias de gravação específicos, como as da Praia Vermelha, na Urca, do Aterro do Flamengo, da Lagoa Rodrigo de Freitas, lavagem de carro e calçada, internas de banheiro, Floresta da Tijuca e Rio Guandú. A idéia era sempre captar aquela paisagem ou situação com um olhar diferente, por isso o uso das possibilidades da câmera. Acredita-se que dessa forma a estética do vídeo corrobora com o seu conceito de proporcionar uma alternativa ao que se pensa sobre preservação da água.

4 PÓS-PRODUÇÃO

O documentário **A parte que te cabe** não possui um roteiro inicial fechado, apenas idéias de como o vídeo poderia ser montado. Assim, sua construção e ordenação foi decidida durante a montagem. Como material audiovisual que é, o vídeo tem um forte cuidado com a imagem, valendo-se de tratamento de cor e outras ferramentas, e também um grande trabalho com o som, tanto com elementos captados durante as gravações quanto aqueles gerados posteriormente.

Este capítulo, portanto, visa relatar como se deu todo o processo de pós-produção, da decupagem à distribuição e divulgação, procurando abordar conceitos da montagem cinematográfica.

4.2 DECUPAGEM

O material gravado com entrevistas possui cerca de seis horas e meia, e as imagens de passagem são aproximadamente de duas horas. O objetivo era realizar um documentário media-metragem, de 30 a 40 minutos de duração. Portanto, grande parte do material bruto precisou ser descartado, e a decupagem foi o momento em que isso foi feito.

Primeiramente o processo se deu com o corte de planos com problemas técnicos, como ruídos inconvenientes e fotografia problemática. Logo depois, partiu-se para uma limpeza do material quanto ao conteúdo, cortando as falas com baixo desenvolvimento, com raciocínio confuso, ou com assuntos que não interessam ao vídeo.

A última etapa consistiu em uma transcrição de todo o material das entrevistas em tópicos, isto é, as falas não foram transcritas integralmente, mas suas idéias-chaves. Com esse registro escrito dos assuntos abordados nas gravações, a montagem podia basear-se no texto, e não somente na imagem e som, agilizando o processo.

4.3 MONTAGEM

O processo de montagem do vídeo levou dois meses, sendo dividido em dois momentos. O primeiro consiste na edição do material levando em consideração o texto, a fala dos personagens. Essa primeira versão do documentário é uma espécie de roteiro com imagem e som, construindo a discussão pretendida. Assim, foi realizada pela própria diretora.

Após o término desta fase, realizou-se uma exibição para toda a equipe e algumas pessoas externas, como forma de troca de opiniões sobre o que foi visto e ouvido. Através desses levantamentos, o vídeo passou para um novo momento de edição, desta vez procurando deixar o material mais dinâmico, com cortes mais apurados, imagens mais trabalhadas etc.

Durante a primeira montagem procurou-se ao máximo a preservação da fala dos personagens. Um gaguejar ou uma pausa não são cortados, já que transparecem, na maioria das vezes, o estado do entrevistado, se está refletindo, se dá uma resposta feita. O que se desejou foi dar espaço ao pensamento desenvolvido pelo indivíduo.

O documentarista brasileiro Eduardo Coutinho realiza de certa forma este trabalho nos seus filmes. Para ele, seus documentários não são sobre os outros, mas com os outros, dando destaque para a fala do outro (LINS, 2004, p.8). **A parte que te cabe** em nenhum momento procura dar respostas ou soluções para o problema da água, mas sim busca uma grande discussão sobre o assunto, através da fala alheia.

Assim, há alguns planos longos no decorrer do vídeo, seja de entrevistas ou de paisagens. “E o plano longo é o plano essencial, é aquele que tem o acaso, o tempo morto, que interessa muito mais do que o tempo vivo” (COUTINHO *apud* LINS, 2004, p.21).

Ao mesmo tempo, optou-se pelo uso das entrevistas de forma fragmentada, com depoimentos variados e intercalados. Isto é, há uma agilidade no corte, o que faz com que o vídeo corra o risco de ficar raso e não alcançar o que pretende, que é chegar em um novo tipo

de discussão sobre o tema. Consuelo Lins levanta tal questão ao abordar o filme **O Fio da Memória**, de Coutinho, no qual o diretor vale-se de muitas entrevistas. “[...] o filme se fragiliza. Os depoimentos podem até ser comoventes, mas são rápidos demais e não permitem uma interação efetiva” (LINS, 2004, p.80).

No entanto, no caso deste projeto aqui apresentado, a duração dos depoimentos segue uma necessidade maior que é a construção de um discurso, por isso foge da superficialidade. A opção pela construção de um debate no decorrer do vídeo faz com que a fragmentação das entrevistas seja justificada, afinal, neste caso as pessoas se mesclam, não possuindo um momento exclusivo para si.

Durante o processo de montagem se estabeleceu o roteiro do documentário. O discurso foi dividido em blocos temáticos, sem serem individuais. Isto é, cada bloco está intimamente ligado com o que está antes ou depois. As falas foram montadas de forma a criar uma conversa, como se aquelas pessoas estivessem presentes ao mesmo tempo em um mesmo espaço, durante um debate.

O vídeo começa com uma apresentação geral do tema, com uma explicação sobre a falta de água do mundo e já algumas opiniões sobre o papel do indivíduo na preservação. Essa pequena edição, em voz off com uma imagem bem fechada de ondas no mar, serve como uma introdução para o documentário, resume aquilo que será tratado.

Logo após há o relato de experiências com a água vividas por alguns dos personagens, seja ela de falta ou não. Ligado a isso, vem o bloco do uso da água, as diferenças entre as pessoas, entre as classes sociais etc. Neste bloco já há uma insinuação sobre o ato do desperdício, que será o tema do bloco seguinte.

Depois são tratadas as questões de como se reage quando se vê o outro fazendo um uso de água que se considere inadequado, quem seria responsável pelo problema da água,

como pode-se preservar e o que pode ser feito para contribuir, como é tratado o assunto na família e, concluindo, se há esperança para o futuro.

O vídeo termina com duas falas que são opostas: Renata diz ser otimista, já Rafael não acredita que algo será feito a tempo da situação ficar ainda pior. Esses dois discursos estão assim dispostos como forma de deixar claro que este documentário não apresenta uma resposta fechada, o que não significa ter uma opinião. O plano final, uma imagem em movimento dentro de um carro, com a música **O Último Dia**, de Paulinho Moska, ao fundo, é claramente um dos momentos em que se transpõe uma opinião. Neste caso, é a concordância com Renata, de que há ainda, sim, uma esperança para a situação da água.

4.4 EDIÇÃO DE SOM E MIXAGEM

Após a finalização da montagem iniciou-se o processo de tratamento do som. Como trate-se de um documentário baseado principalmente em entrevistas, a edição de som não foi demorada, focando-se na suavização nas mudanças de plano em que o corte ficava evidente por conta do áudio. Para tanto foram utilizados os programas Pro Tools M-Powered 6.8 e Nuendo 2. Além disso, utilizou-se o software Adobe Audition 1.5 Pro para a filtragem de alguns ruídos indesejáveis.

A criação sonora deu-se nos momentos das imagens de passagem, nas quais foi inserida uma trilha sonora composta para elas. Além da música, que não possui caráter harmônico ou melódico, mas sim algo sensorial e rítmico, nestas passagens há o uso de alguns elementos sonoros, alguns até captados no som direto, como o som de água de uma torneira e de ondas quebrando no mar.

Através de processamento, filtros e efeitos tais sons foram tratados, visando a criação de um ambiente sonoro para o documentário. A grande referência para este trabalho está em diversos trabalhos de videoarte e vídeo instalação, como *Convergenze Parallele*, instalação

audiovisual do norte-americano Ernesto Klar, na qual partículas de poeira são rastreadas ao passar por um feixe de luz, sendo visualizadas e sonorizadas em tempo real segundo seu movimento no ar (FILE, 2007).

Outras importantes influências são os trabalhos do fotógrafo e cineasta brasileiro Cao Guimarães, com destaque para **Sopro**. No mesmo caminho está o longa-metragem **Janela da Alma**, de João Jardim e Walter Carvalho, no qual durante as diversas imagens de não-entrevista há uma trilha original e elementos sonoros não musicais, criando uma atmosfera.

A mixagem deteve-se, assim, à espacialização destes sons e músicas no ambiente. Para tanto, novamente utilizou-se os programas Pro Tools M-Powered e Nuendo.

4.5 TRILHA SONORA

Há apenas uma música não original para o vídeo, que foi utilizada no plano final e em todos os créditos finais. Trata-se de **O Último Dia**, de Paulinho Moska, que autorizou a utilização da música sem a cobrança de encargos. A escolha por ela se deve a reação com o título e abordagem do documentário. Em um de seus versos diz-se “o que você faria”, o que alude a busca pela parte que cabe a cada cidadão na questão da preservação da água.

Todo o restante da trilha foi composto para o vídeo, valendo-se de sons sampleados e processados, sem uma identificação clara de instrumento musical. A idéia é a criação de uma sonoridade, não de uma música. Assim, utilizou-se na composição o banco de arquivos do software Reason 3, que foram manipulados através de teclado controlador. Há ainda alguns sons de arquivo de um teclado MIDI.

4.6 FINALIZAÇÃO

Após o segundo período de montagem, paralelamente à edição de som e mixagem, foi realizada a finalização de imagem do documentário. O processo consistiu, basicamente, na

correção de cor das imagens, procurando dar uma uniformidade visual para o vídeo. Para tanto foi utilizado a ferramenta *color correction* do próprio software de montagem, o Final Cut 5.0.

Além disso, neste momento foram inseridas as cartelas e créditos produzidos pela equipe gráfica, e a colocação de máscara para relação de aspecto 1.66 em todo o vídeo, de forma a dar um visual de cinema para o vídeo.

4.7 PROSPECÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO E DIVULGAÇÃO

Pretende-se veicular o vídeo em duas metragens, sendo um curta-metragem (cerca de 20 minutos), para viabilização da inscrição do produto em festivais de cinema e vídeo nacionais e internacionais, e um média-metragem (cerca de 40 minutos), para desenvolvimento total do tema e exibição em televisão.

Devido ao carácter social da temática do documentário, emissoras como Canal Futura, GNT, TV Cultura e TV Educativa serão procuradas para negociação de transmissão do vídeo. Não se descarta a possibilidade de tratar o material como um piloto para o desenvolvimento posterior de um programa especial para algum destes canais.

Com o crescente uso da internet como meio de divulgação e exibição, o vídeo também será disponível para visualização pelo site YouTube e na própria página do documentário, que será criada para a divulgação da produção e para ser um espaço de discussões. Procurar-se-á parcerias com outros sites ambientais, como Universidade da água, Greenpeace, Unesco e WWF, para exibição do documentário em *streaming*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O vídeo documentário **A parte que te cabe** foi iniciado com a pretensão de se fazer uma discussão sobre o consumo da água em todo o Brasil, pretendendo-se viajar por diversas cidades do país para a realização de entrevistas. Algumas cidades e personagens chegaram a ser definidos, mas, com a discussão em equipe, percebeu-se que a idéia não era viável, já que pressupunha ser possível estabelecer um comportamento do cidadão brasileiro a partir de alguns depoimentos, mesmo estes sendo de pessoas de diversas localidades.

Assim, a produção do vídeo serviu para a percepção de que um documentário não precisa dar uma resposta, não precisa mudar o mundo. Ele pode ser apenas uma perspectiva de interesse daquele que o realiza a partir de situações de interatividade ou não. Eduardo Coutinho já discorreu sobre o assunto: “Eu estou interessado em conhecer, não posso transformar o mundo com um filme, já sei disso há mais de 20 anos. Se pudéssemos transformar o mundo com um filme, não sei se eu seria capaz de fazer esse filme” (COUTINHO *apud* LINS, 2004, p.112).

Para falar sobre consumo de água, mostrou-se não ser necessário utilizar um discurso de autoridade, daquele que sabe sobre o assunto. Por mais que haja no vídeo duas figuras de conhecimento mais profundo sobre o assunto, procurou-se não apresentá-las como tal. Neste caminho também evitou-se o uso de dados científicos sobre o assunto.

Este documentário poderia ter sido realizado de diversas formas. Poder-se-ia ter buscado apenas pessoas que vivem em situações críticas de abastecimento de água, procurado usar o discurso de geógrafos e de geólogos, ou um discurso político, ou, ainda, a voz de instituições mais radicais na preservação ambiental. Muitos poderiam ter sido os enfoques e esse foi um aprendizado com a produção do vídeo.

Outro ponto positivo foi a percepção da importância de uma equipe de pesquisa e de produção coesa e dedicada ao tema do vídeo. Todos sabiam muito bem a abordagem e, assim,

contribuíam bastante com sugestão de idéias para o roteiro de entrevistas, para a escolha de personagens, para a definição das paisagens a serem gravadas, para a montagem etc. A existência dessa equipe foi fundamental para que o vídeo fosse o que é.

Negativamente não há nenhum ponto, mas sim empecilhos que se mostraram construtivos. A limitação de equipamento fez com que a criatividade fosse necessária em alguns momentos, o que acabou por gerar situações interessantes. Um exemplo é a precariedade do parque de luz. Inicialmente, todas as gravações seriam dentro das casas dos entrevistados, mas por conta da falta de equipamento de iluminação adequado, optou-se em alguns momentos pela gravação em áreas externas, o que contribuiu para um visual mais dinâmico para o vídeo.

A limitação financeira e de tempo é um problema que foi convertido para uma maior agilidade nas gravações. A equipe conseguiu ter uma produtividade alta por conta da necessidade de gravar as entrevistas com certa rapidez e em poucos dias.

Por fim, a realização do documentário **A parte que te cabe** mostrou que muito ainda precisa ser feito em relação à preservação da água e que esse processo é difícil por conta da diferença entre as pessoas. Foi possível perceber que há uma preocupação por parte da sociedade civil e do governo, mas ainda existem muitas dúvidas e indefinições sobre o assunto. Espera-se que, com o debate proposto no vídeo, algo possa ser pensado a respeito.

REFERÊNCIAS

BERNADET, Jean Claude. **Cineastas e a imagem do povo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

BUONAFINA, Francisco. **[Opinião sobre consumo e preservação da água]**. Entrevista concedida a Lyana Guimarães no documentário A parte que te cabe, em 27 de agosto de 2007.

CAPRILES, René. **Uma verdade inconveniente**. O Eco, Rio de Janeiro, 21 out.2006. Disponível em <<http://www.oeco.com.br>>. Acesso em: 22 set.2007.

CORTINA, Adela. **Pessoas éticas para uma sociedade ética**. Mundo Jovem, edição 339. Porto Alegre: PUCRS, agosto 2003.

COUTINHO, Eduardo *apud* LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

FILME de Al Gore recebe prêmio de melhor documentário. Jornal **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 fev.2007. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/cultura/oscar2007/mat/2007/02/26/294707218.asp>>. Acesso em: 22 set.2007.

FESTIVAL Internacional de Linguagem Eletrônica. **Convergenze Parallele**. Disponível em <www.file.org.br>. Acesso em: 15 jul.2007.

FOSTER, Lila. **O Homem e o Mundo**. Revista Cinética. Disponível em <<http://www.revistacinetica.com.br/caolila.htm>>. Acesso em: 10 out.2007.

FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2006.

GORZ, André. **O imaterial: conhecimento, valor e capital**. São Paulo: Annablume, 2005.

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

MARX, Karl *apud* MOURA, Mauro C.B. **Do primado da produção às formas puras da sociedade**. Disponível em <<http://www.unicamp.br/cemarx/mauro.htm>>. Acesso em: 10 jun.2007.

MINC, Carlos. [**Opinião sobre consumo e preservação da água**]. Entrevista concedida a Lyana Guimarães no documentário A parte que te cabe, em 20 de agosto de 2007.

ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas. **Relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC)**. Disponível em <www.onu.org>. Acesso em: 06 mai.2007.

ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas. **Declaração dos Direitos da Água**. Disponível em <www.onu.org>. Acesso em: 06 mai.2007.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papirus, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. São Paulo: Nova Fronteira, 2004.

RIBEIRO, NYE *apud* STANHOPE, Marcia. **Teorias de desenvolvimento familiar**. Lisboa: Lusociência, 1999.

REBOUÇAS, Aldo. **Uso inteligente da água**. São Paulo: Escrituras, 2004.

ROGERS, Carl. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1961.

SENNETT, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2006.

TUCCI, Carlos E. M. **Gestão da água no Brasil**. Brasília: Unesco, 2001.

ANDARILHO. Direção: Cao Guimarães. Minas Gerais, 2007.

EDIFÍCIO Máster. Direção: Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Vídeofilmes, 2002. 1 DVD (110 minutos).

ESTAMIRA. Direção: Marcos Prado. Rio de Janeiro: Zazen Produções, 2005. 1 DVD (115 minutos).

JANELA da Alma. Direção: Walter Carvalho e João Jardim. Rio de Janeiro: Copacabana Filmes, 2001. 1 DVD (73 minutos).

A PESSOA é para o que nasce. Direção: Roberto Berliner. Rio de Janeiro: TV Zero, 1998. 1 DVD (6 minutos).

SOPRO. Direção: Cao Guimarães e Rivane Neuenschwander. Minas Gerais, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE – A

ROTEIRO PRELIMINAR DE PERGUNTAS GERAIS

Como é a água no seu dia-a-dia? Com o que você usa água?

Já teve algum problema de abastecimento? Como foi/é isso? O que isso modifica na sua vida?

A idéia da água acabar algum dia te preocupa?

Você pensa nisso?

Você acha que a água vai acabar algum dia?

Você lembra de alguma coisa sobre preservação de água que tenha passado na televisão, ou que você tenha visto em jornal, revista etc.?

Você lembra de algo em específico?

Essa informação te convence? Você muda o seu jeito de usar a água depois de ouvir/ver/ler algo assim?

As pessoas próximas a você, parentes, amigos, eles falam sobre isso com você? O quê? E você, fala com eles?

Quando tem alguém lavando a calçada com água, ou em uma casa tem uma torneira pingando, isso te incomoda? O que você sente? Você toma alguma atitude?

Você usa água para lavar calçada? Algum vizinho usa?

E quando alguém dá uma chamada em você, quando a sua torneira é que está pingando, você vai e fecha? Se sim, faz isso por que? Porque acha que deve fazer isso mesmo ou só para parecer correta com a pessoa?

Quando criança, você ouvia alguma coisa sobre preservação da água na escola? E em casa, com seus pais, irmãos, falavam alguma coisa a respeito?

Você passa isso para os seus filhos?

O que você acha do preço da água?

Você acha que se ela fosse mais cara, as pessoas iriam usá-la de outra forma? Como? Por que?

Você vê esperança para o futuro da água no mundo?

Você acha que a situação tem solução?

O que você acha que pode ser feito para as coisas melhorarem?

APÊNDICE B

ORÇAMENTO

1. Pré-produção/Pesquisa

	Quantidade	Orçado
Telefone	Indeterminado	R\$200,00
Celular	Indeterminado	R\$400,00
Internet	ilimitada	Posse diretora
Cartucho impressora	1	R\$60,00
Papel A4 (resma)	2	R\$30,00
Subtotal 1		R\$690,00

2. Produção

	Quantidade	Orçado
Fita mini-DV Sony	11	R\$150,00
Câmera mini-DV Sony PD-150	1	Posse Universidade
Bateria longa duração	1	Posse Universidade
Carregador bateria	1	Posse Universidade
Tripé Cartoni		Posse Universidade
Cabo XLR-XLR	2	Posse Universidade
Fone de ouvido Sony	1	Posse Universidade
Microfone de lapela Sony	2	Posse Universidade
Rebatedor	1	Posse Universidade
Tripé de luz	2	Posse Universidade
Refletor fresnel 1000 watts	2	Posse Universidade
Monitor de referência Sony	1	Posse Universidade
Cabo RCA-BNC	1	Posse Universidade
Isopor (rebatedor)	2	R\$15,00
Fita crepe	1	R\$10,00
Transporte - gasolina	1 carro	R\$300
Alimentação	5 pessoas	R\$20,00
Subtotal 2		R\$495,00

3. Equipe produção

	Quantidade	Orçado
Diretor	1	Voluntário
Roteirista	1	Voluntário
Pesquisador	10	Voluntário
Produtor	3	Voluntário
Diretor Fotografia/Operador câmera	2	Voluntário
Assistente fotografia	1	Voluntário
Técnico som direto/Microfonista	1	Voluntário
Subtotal 3		R\$0,00

4. Pós-produção/Edição e finalização imagem e som

	Quantidade	Orçado
Ilha Edição Imagem Mac Apple	1	Posse diretora
Editor	3	Voluntário
Arte gráfica	2	Voluntário
Criação Trailer	1	Voluntário
Trilha Sonora	2	Voluntário
Trilha Sonora Original	1	Posse diretora
Máster DVD	1	R\$3,00
Máster mini-DV	1	R\$15,00
Ilha edição de som	1	Posse diretora
Editor de som	1	Voluntário
CD virgem	20	R\$20,00
DVD virgem	50	R\$90,00
Subtotal 4		R\$128,00

5. Pós-produção/Divulgação

	Quantidade	Orçado
Cópias em DVD	80	R\$150,00
Capa DVD - arte	1	Voluntário
Capa DVD - gráfica	80 capas	R\$200,00
Arte cartaz e flyer	1	Voluntário
Gráfica cartaz e flyer	1.000 flyers e 50 cartazes	R\$250,00
Layout site	1	Voluntário
Hospedagem site	1 ano	R\$150,00
Inscrição festivais – taxas e	Indeterminado	R\$200,00

correiros		
Subtotal 5		R\$950,00

6. Orçamento geral

	Orçado
Pré-produção/Pesquisa	R\$690,00
Produção/Equipamento	R\$495,00
Equipe	R\$0,00
Pós-produção/Edição e finalização imagem e som	R\$128,00
Pós-produção/Divulgação	R\$950,00
TOTAL	R\$2.263,00

APÊNDICE C

FICHA TÉCNICA

Direção e roteiro
Lyana Peck

Assistente direção
Natalia Klein

Produção
Debora Pessanha
Flora Fernandes
Juliana Bach
Lyana Peck

Fotografia
Rafael Alves

Câmera adicional
Lyana Peck

Assistente fotografia
Raquel Gandra

Som direto
Alexandre Nascimento

Montagem
Lyana Peck

Co-montagem
Raquel Gandra
Rodrigo Brazão

Arte
Karin Klem
Murilo de Souza

Edição de som
Lyana Peck

Trilha sonora

Lyana Peck
Rodrigo Machado

Pesquisa
Debora Pessanha
Diogo Cunha
Flora Fernandes
Juliana Bach
Lyana Peck
Natalia Klein
Nathália Rodrigues
Raquel Gandra
Rodrigo Brazão